

Complica-se em Haia a discussão sobre florestas

MARCELO LEITE
 EDITOR DE CIÊNCIA

A divergência entre organizações não-governamentais sobre florestas e clima chegou até Haia. Enquanto umas atacam a vinculação das questões, defendida pelos EUA, outras vêem nela uma oportunidade para a conservação.

A rede Greenpeace atacou a proposta do governo americano de considerar florestas naturais como sumidouros ("esponjas" do gás carbônico que ajuda a aquecer a atmosfera).

A ONG disse que a proposta é uma tentativa de empurrar o problema do aquecimento global para países pobres. Serviria para os EUA escaparem de fazer custosos cortes nas próprias emissões.

"Se permitirmos isso, países industrializados poderiam evitar inteiramente a necessidade de reduzir emissões nos próprios territórios", disse Ben Pearson, do Greenpeace. Outras redes, como WWF e Amigos da Terra, concordam.

Não é o caso de ONGs da Amazônia, que lançaram em outubro manifesto em apoio à inclusão de florestas nativas no MDL (Mecanismo de Desenvolvimento Limpo, dispositivo do Protocolo de Kyoto para financiar projetos no Terceiro

Mundo que economizem emissões de gases-estufa).

Tampouco é a posição de entidades como a União de Cientistas Preocupados (EUA), que lançou em Haia manifesto assinado por 110 pesquisadores ambientais, entre eles um Nobel, defendendo a inclusão.

A idéia de florestas como válvula de escape para países ricos foi rebatida por Philip Fearnside, do Inpa (Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia). "Depende das regras. As ONGs que se opõem estão do lado errado", disse à "Reuters".

Há um complicador a mais: a revista científica "Science" (www.sciencemag.org) traz hoje artigo lançando dúvidas sobre a possibilidade de fazer cálculos confiáveis de carbono estocado nos sumidouros.

Equipe francesa chefiada por Philippe Bousquet criou um modelo (programa) de computador para integrar medições de gás carbônico no mundo inteiro e, a partir disso, inferir as variações anuais de absorção e emissão de CO₂, concluindo que elas são enormes.

"As grandes variações interanuais no fluxo líquido vão tornar difícil determinar se uma área agindo como sumidouro de carbono por cinco anos vai provavelmente permanecer como sumidouro líquido por uma década ou mais", comenta Inez Fung, da Universidade da Califórnia em Berkeley, na mesma "Science".

Com agências internacionais